

"A febre faz jus ao título. É sombrio, perturbador  
e estranhamente fascinante."

GILLIAN FLYNN, autora de *Garota exemplar*



**A**

# **FEBRE**

**MEGAN ABBOTT**



A

FEBRE



A  
FEBRE

MEGAN ABBOTT

TRADUÇÃO DE CÁSSIA ZANON



Copyright © 2014 by Megan Abbott

TÍTULO ORIGINAL

The Fever

PREPARAÇÃO

Rayssa Galvão

REVISÃO

Milena Vargas

Giu Alonso

DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

CAPA ORIGINAL

© Hachette Book Group, Inc.

ARTE DE CAPA

Julianna Lee

IMAGEM DE CAPA

Kylie Woon

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Simone Villas-Boas

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A115f

Abbott, Megan, 1971-

A febre / Megan Abbott ; tradução Cássia Zanon. - 1. ed. -

Rio de Janeiro : Intrínseca, 2015.

272 p. ; 23 cm.

Tradução de: The fever

ISBN 978-85-8057-799-0

1. Ficção americana. I. Zanon, Cássia. II. Título.

15-24258

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

[2015]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

*Para meu irmão, Josh Abbott*





Em toda desordem [há] uma ordem secreta.

— Carl Jung



# Antes

— *Na primeira vez, a dor é inacreditável.*

As pernas de Deenie estão trêmulas, mas ela tenta esconder juntando os joelhos, as mãos quentes apoiadas nas coxas.

Outras seis meninas esperam. Algumas já fizeram isso antes, mas a maioria é como Deenie.

— Ouvi dizer que dá até vontade de vomitar — comenta uma. — Conheço uma menina que desmaiou. Precisaram parar no meio.

— Só queima um pouco — opina outra. — O corpo fica dolorido por uns dias. Dizem que depois da terceira vez nem dá mais para sentir.

*Eu sou a próxima, pensa Deenie, mais alguns minutos e será minha vez.*

Se ao menos tivesse feito isso um ano antes! Mas ouvira falar em como doía. Além disso, ninguém mais tinha feito. Pelo menos, ninguém que ela conhecesse. Agora, Deenie é uma das últimas.

Quando Lise sai, com o rosto tenso e segurando a barriga, não diz uma palavra, apenas se senta e cobre a boca com a mão.

— Não há nada a temer — diz Gabby, olhando para Deenie. — Eu não estou com medo.

Ela segura a mão da amiga bem forte, cravando os dedos na palma. As duas mãos, juntas, pressionam as pernas de Deenie, para que parem de tremer, na tentativa de fazê-la se sentir melhor.

— Estamos nessa juntas — acrescenta Gabby, fazendo a amiga voltar-se para encarar seus olhos negros e impassíveis.

— Certo — responde Deenie, assentindo. — Não pode ser tão ruim assim, não é mesmo?

A porta se abre.

— Deenie Nash — chama uma voz.

Ela sai da sala quatro minutos depois, ainda sentindo a dor da picada no músculo da coxa. Acabou.

Enquanto anda de volta para a sala de espera, os sapatos se prendem no tapete e as pernas parecem pesadas como ferro. Deenie sente-se zonha, meio bêbada.

Todas as meninas olham para ela. O rosto de Gabby está sério e cheio de expectativa.

— Não é nada demais — comenta Deenie, sorrindo. — Nada... demais.

# 1

## TERÇA-FEIRA

À primeira vista, a cadeira da mesa de Lise parecia estar balançando. Deenie mantinha os olhos fixos no objeto, observando o movimento. O balanço a deixou um pouco enjoada. Lembrava-a de alguma coisa.

Ficou imaginando se a amiga estava nervosa por causa do teste.

Na noite anterior, Deenie havia passado um longo tempo se preparando, até levava o computador para debaixo das cobertas e ficara horas deitada, encarando as equações.

Não sabia ao certo se aquilo era mesmo estudar, mas assim se sentia melhor. Os olhos ficaram secos com o brilho da tela e os dedos batucavam o lábio inferior. Um cheiro desconfortável vinha de algum lugar em suas roupas, algo almiscarado e esquisito. Queria tomar um banho, mas o pai poderia ouvi-la e estranhar.

Duas horas antes, estava no trabalho, colocando bolinhas de massa dentro de uma máquina e jogando-as em panelas cheias de óleo. Lise e Gabby passaram por lá e pediram palitos grossos de pizza, apesar de Deenie ter avisado que seria melhor não pedirem. Mostrou às amigas o tubo plástico de manteiga derretida que ficava o dia inteiro ao lado dos fornos quentes. Mostrou como o pessoal da cozinha passava aquela manteiga nos palitos e como a mistura parecia sabão ou queijo velho.

Quando as duas saíram carregando saquinhos de papel manchados de gordura, Deenie desejou estar indo também, não importava aonde as meninas fossem. Ficou feliz por vê-las juntas. Gabby e Lise eram suas melhores amigas, mas nunca pareciam realmente à vontade uma com a outra.

Perto dos fornos, Sean Lurie bateu o ponto atrasado. Segurando as espátulas compridas como espadas, o rapaz começou a provocá-la. Falou do sofisticado arco feminino que sua mão formava quando ela pegava uma bolinha de massa, como se estivesse segurando um gatinho. Comentou sobre a forma como, segundo ele, a língua de Deenie saía um pouquinho da boca quando ela esticava a massa.

— Parece a minha irmãzinha brincando com massinha — provocou Sean.

Ele estava no último ano da escola Estrela do Mar, tinha cabelo preto revoltado e era muito alto. Nunca usava o chapéu do uniforme do restaurante, muito menos a rede no cabelo, e tinha um jeito de sorrir com o canto da boca que fazia Deenie apertar mais as tiras do próprio avental e ajeitar o chapéu.

O calor dos fornos fazia a pele dele brilhar.

Ela nem ligava para todo aquele suor. Fazia parte.

Como o irmão de Deenie depois de uma partida de hóquei, Sean ficava com o cabelo escuro molhado e o rosto brilhoso. Ela implicava com ele por causa disso, mas era bom ter alguém por perto que parecia tão vivo.

Mas ela não sabia dizer como tinha ido parar no carro de Sean Lurie, duas horas depois, e como, em mais meia hora, os dois estavam estacionados em Montrose, no meio do bosque Binnorie.

Sempre ouvira dizer que alguma coisa mudava, depois.

*Mas só da primeira vez, comentara Gabby, que já fizera duas vezes. Para que a gente consiga lembrar, acho.* Deenie se perguntava como alguém poderia esquecer.

*Você se olha no espelho depois, insistira Gabby, e nem parece que é você no reflexo.*

Só que Deenie nunca acreditou nisso pra valer. Parecia o tipo de coisa que dizem para fazer os adolescentes esperarem para sempre por algo que todo mundo já está fazendo. Só não querem que mais gente faça parte do clube.

Mesmo assim, ao se olhar no espelho do banheiro depois de chegar em casa, percebeu que Gabby tinha razão.

Era em parte por causa dos olhos — havia algo mais estreito ali, algo menos brilhante —, mas principalmente da boca, que parecia macia, ferida e para sempre aberta.

Apoiou as mãos na borda da pia, mantendo o olhar fixo no frasco verde-escuro de loção pós-barba do pai, da marca que ele usava desde que Deenie se entendia por gente. Então se deu conta de que o pai também tivera um encontro.

Foi aí que lembrou: para ser sincera, ela não tivera o que se pode chamar de encontro.

Na aula, com todos aqueles pensamentos martelando na cabeça, era difícil se concentrar. Mais difícil ainda com a cadeira de Lise balançando e a mesa toda sacudindo.

— Lise — chamou a sra. Chalmers. — Você está atrapalhando a aula.

— É agora, é agora — resmungou a menina, baixinho, com a boca rosada e delicada apertada em um grunhido. — Ah-ah-ah.

Ela ergue as mãos muito depressa e aperta o pescoço. Então cai para o lado.

E, de uma vez só — como se jogadores de futebol americano tivessem puxado uma das pernas com força —, a carteira vira e se espatifa no chão.

Lise cai junto. A menina está sacudindo a cabeça, que bate no piso duro, com o rosto vermelho e uma baba espumosa escorrendo da boca.

— Lise — suspira a sra. Chalmers, longe demais para ver o que está acontecendo. — Qual é o problema?

★ ★ ★

Parado diante do armário, atrasado para a aula, Eli Nash olha por um longo tempo a mensagem de texto que chegou com uma foto anexada. A barriga nua de uma menina.

Eli, para você! Bjs!

Ele não reconheceu o número.

Não era a primeira vez que recebia uma mensagem dessas, mas sempre ficava surpreso. Tentou imaginar o que a menina sem rosto estava pensando. Unhas roxas tocando a parte de cima da calcinha, também roxa, pontilhada de bolinhas brancas.

Não fazia ideia de quem era.

Será que a menina queria que ele respondesse a mensagem, que a convidasse para ir à sua casa? Para entrar escondida no quarto dele e abrir as pernas dóceis até Eli estar satisfeito?

Algumas vezes, ele fizera exatamente isso. Disse para ir até sua casa e as levou disfarçadamente para o quarto. A última, uma aluna que todo mundo chamava de “a gostosona do segundo ano”, chorou depois.

A menina admitiu ter bebido quatro cervejas antes de ir, por conta do nervosismo. E ainda perguntou se tinha colocado as pernas onde deveria. Se deveria ter feito mais barulho.

Secretamente, ele desejara que ela tivesse feito menos barulho.

Desde então, só conseguia pensar na irmã, a apenas uma parede de distância. E torcer para que Deenie nunca fizesse coisas desse tipo. Com caras como ele.

Por isso, agora, quando recebia essas mensagens, não respondia.

Só que, às vezes, se sentia meio solitário.

Na noite anterior, ficara em casa enquanto os amigos iam a uma festa. Achava que poderia ter uma noite em família assistindo a programas de tevê ruins e brincando com os jogos de tabuleiro mofados guardados no porão. Mas Deenie não estava em casa, e o pai já tinha planos.

— Quem é ela? — perguntara, vendo o pai vestindo o suéter de homem sério que usava para encontros, o cinza-escuro com gola V.

— Uma mulher legal, muito inteligente. Espero estar à altura.

— Vai ficar tudo bem — retrucou Eli.

O pai era o professor mais inteligente da escola e o cara mais inteligente que Eli conhecia.

Eli havia sido pego em uma das vezes que contrabandeara uma garota para o quarto. O pai quase esbarrou na garota, que arrumava a alça da regata no ombro, parada no corredor do segundo andar. O homem olhou para Eli e depois para a garota, que retribuiu o olhar e sorriu como a rainha do baile que era.

— Oi, sr. Nash — cumprimentou ela, com uma voz melodiosa. — Adivinhe só! Tirei oitenta e cinco em Química II.

— Que ótimo, Britt — respondeu o homem, mal olhando para ela. — Eu sempre soube que você poderia se sair melhor. Que bom que está me dando motivos para ficar orgulhoso.

Depois disso, Eli fechou a porta, ligou a música no volume mais alto que pôde e ficou torcendo para o pai não ir falar com ele.

Ele não foi.

★ ★ ★

Dryden era a cidade mais nebulosa do estado. Lá, o céu ficava branco durante a maior parte do ano e, no restante do tempo, assumia um tom de cinza fundido partido por raios brilhantes de um sol misterioso.



Tom Nash vivia na cidade havia vinte anos. Mudara-se para lá com Georgia quando os dois receberam os diplomas de professores e ela conseguiu emprego no novo escritório de educação especial do distrito.

Morando há tantos anos na cidade, Tom tinha o orgulho descomplicado de um nativo autoproclamado, mas mantinha o espanto renovador que um nativo nunca consegue exprimir.

No vazio branco e profundo de fevereiro, quando os alunos ficavam com uma aparência soturna e os rostos ligeiramente esverdeados, como o musgo que cobria os porões da cidade, Tom dizia a eles que Dryden era especial. Contava que crescera em Yuma, no Arizona, a cidade mais ensolarada dos Estados Unidos, e que nunca parara para olhar para cima até ir para o acampamento de verão e se dar conta de que o céu estava lá, afinal. E estava carregado de mistérios.

Obviamente não havia mistério para os garotos de Dryden. Eles não percebiam o quanto aquele céu os moldara, como permitira que tivessem a chance de experimentar forças além de suas compreensões muito depois de passarem da idade dos contos de fada. A forma como o clima fustigava a cidade, atingindo-a com granizo, relâmpagos e explosões súbitas de nuvens ou de sol, era diferente de todos os lugares onde Tom estivera. Em certos dias, o vento forte do inverno passava por cima das águas mornas do lago e os raios de sol iluminavam todos os cantos sem motivo aparente. Então os alunos chegavam na escola com os rostos afetados pelo clima ambivalente, parecendo estupefatos e radiantes, como se dissessem: *tenho dezesseis anos, estou entediado e indiferente em relação à vida, mas, por alguns segundos, meus olhos de repente se abriram para isso.*

No primeiro ano em que ele e Georgia moravam ali, Dryden foi um enigma para ambos. Ao voltarem para casa à noite, com a bruma nas luzes das ruas, os dois sacudiam a umidade das roupas e olhavam ao redor, maravilhados, para as peles que costumavam ser acobreadas e agora brilhavam de brancura.

Grávida de Eli e com o corpo já mudando, o que lhe dava uma beleza etérea, Georgia decidiu que Dryden não era um lugar de verdade, e sim alguma ideia nebulosa de cidade. Um subúrbio de contos de fadas, como ela chamava.

Depois de um tempo — mesmo que para ele a coisa tenha parecido acontecer muito de repente —, algo mudou.

Uma tarde, dois anos antes, Tom voltou para casa e encontrou Georgia à mesa da sala de jantar, bebendo uísque em um pote de geleia.

*Viver aqui, disse ela, é como viver no fundo do poço.*

Então olhou para o marido como se esperasse que ele dissesse algo para dissipar aquele sentimento.

Mas Tom não conseguiu pensar em algo para dizer.

Não demorou muito para ele descobrir sobre o romance, que na época já se estendia por um ano, e que Georgia estava grávida. Ela teve um aborto espontâneo três dias depois, e ele a levou ao hospital. Com o sangue escorrendo pelas pernas, a mulher apertava forte as mãos dele.

Agora ele a via umas quatro vezes por ano. A ex-esposa se mudara para Merrivale, onde Eli e Deenie passavam um fim de semana por mês e dez dias corridos em cada verão, para depois voltarem bronzeados, felizes e serem consumidos pela culpa no instante em que o viam.

Durante os pensamentos obsessivos no meio da noite, Tom tinha certeza de que nunca de fato compreendera a esposa, ou nem mesmo qualquer outra mulher.

Sempre que achava que compreendia Deenie, ela parecia mudar.

*Pai, eu não escuto esse tipo de música.*

*Pai, eu não vou mais ao shopping.*

Nos últimos tempos, até o rosto dela estava diferente. A boquinha de boneca desaparecera. Deenie não mais era a garotinha que costumava escalar a perna do papai e passava horas sentada na poltrona de couro com a cabeça enfiada em livros infantis sobre mitologia grega, os reis Tudor e qualquer outro assunto.

— Vou pegar o ônibus — dissera a filha, naquela mesma manhã, já a meio caminho da porta, as pernas esguias despontando dos tênis.

— Eu posso levar você de carro — sugerira Tom. — Você está bem adiantada.

Deenie não acordava antes dele desde os dez anos, quando tentava parecer crescida e preparava waffles torrados cobertos com tanta calda que ele passava o resto do dia tirando a cobertura doce do céu da boca.

Eli saía para os treinos de hóquei às seis da manhã, e Tom gostava desses trajetos de carro a sós com a filha, o único momento em que podia ter um vislumbre da melancolia de menina adolescente que tomava seus pensamentos. E arrancar alguns sorrisos ao fazer piadas sem graça sobre as músicas de que ela gostava.

Algumas vezes, depois de encontros como o que tivera na noite anterior — com uma professora substituta divorciada fazia três meses que passou a

maior parte do tempo falando sobre o gato moribundo —, ir de carro para a escola com a filha era a única coisa que o fazia se levantar da cama de manhã.

Mas não naquela manhã.

— Preciso estudar para uma prova — explicou Deenie, sem sequer virar a cabeça ao passar pela porta.

Às vezes, durante as mesmas horas sombrias do meio da noite, Tom sentia medos secretos que nunca confessava em voz alta. Demônios tinham aparecido no escuro, junto com a famosa névoa de Dryden, que cobria toda a cidade, e possuído sua esposa gentil, encantadora e inteligente. Logo, viriam atrás da filha.

**N**a Escola Secundária de Dryden, durante uma aula, Lise teve uma inexplicável e violenta convulsão. Gabby não viu a cena, mas, no dia seguinte, em pleno recital de primavera, todos assistem enquanto os espasmos deixam seu rosto completamente desfigurado e seu pescoço é bruscamente jogado para trás, num movimento tão involuntário quanto aterrorizante. Boatos começam a se espalhar à medida que mais e mais garotas passam a ter desmaios, convulsões e tiques nervosos, provocando pânico na escola e na pequena cidade. Os ataques seriam efeito colateral de uma vacina contra HPV? Teriam a ver com o lago contaminado? Ou seria o início de algo muito pior?

“Na corrida para se eleger o próximo *Garota exemplar*, esse é o livro a ser batido.”

***The New York Times***

“A aparente frivolidade adolescente transformada em algo verdadeiramente ameaçador.”

***The Wall Street Journal***

